



John Davies Evans

Liverpool, Grã-Bretanha: 22 de janeiro de 1925

Grã-Bretanha: 4 de julho de 2011

Reconhecido em primeiro lugar pela sua monumental obra sobre o Megalitismo em Malta, publicada em 1971 (*The Prehistoric Antiquities of the Maltese Islands, a Survey*), John Evans foi um notável pré-historiador inglês, com relevante contribuição para a compreensão dos processos de complexificação social, económica e tecnológica no Mediterrâneo, durante o Holocénico. Com apenas 31 anos de idade, sucedeu a Gordon Childe como professor de pré-história europeia no Instituto de Arqueologia de Londres (hoje integrado na Universidade de Londres – UCL), de que viria a ser diretor. Membro da Academia Britânica, foi presidente da *Prehistoric Society* (1974-78), da *Society of Antiquaries of London* (1984-87) e da *União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas* (1981-86). Quando ocorreu a cisão na UISPP, tentou evitar que esta ocorresse, embora sem sucesso, e rejeitou participar na criação do *World Archaeological Congress*, tendo-se ao mesmo tempo demitido da União.

Muito influenciado por Grahame Clark e orientado por Glyn Daniel, foi por sugestão deste que, em 1950, veio para a Península Ibérica, estudar a cultura de *El Argar* e testar as hipóteses difusionistas de Gordon Childe. É neste contexto que visitaria Portugal, tendo mantido contacto com o casal Leisner, participando depois em escavações em Jericó, no Médio Oriente, e reconhecido a impossibilidade de documentar, nos locais visitados, uma relação inequívoca entre ambos os extremos do Mediterrâneo. A partir de 1952 inicia os estudos em Malta, tendo demonstrado a sua correlação preferencial com o Mediterrâneo Central e a dinâmica insular, e não com o Médio Oriente (ainda que admitisse contactos e influências provenientes de Creta, tendo escavado em *Knossos*, mais tarde), no que constituiu um primeiro questionamento global dos modelos difusionistas inspirados em Gordon Childe, com base na conjugação do estudo da estratigrafia com a análise tecnológica das estruturas e artefactos.

Para além do seu contributo como investigador, foi igualmente de grande importância o seu papel enquanto professor, ao defender o estabelecimento do ensino superior de arqueologia, tendo tido um papel importante na criação da primeira licenciatura, em 1968, e um papel decisivo no crescimento do Instituto de Arqueologia de Londres, primeiro com a criação da Unidade de Arqueologia de Campo (dirigida pelo seu colaborador Peter Drewett) e depois com a integração no University College London, em 1986, que consolidou e conferiu maior robustez institucional ao Instituto.

Na construção deste percurso científico e intelectual, as estadias iniciais na Península Ibérica e no Médio Oriente foram muito relevantes. Como o próprio escreveu, em 2009, “tendo tido a possibilidade de juntar Espanha e Turquia, no que hoje creio que seria considerada uma interpretação difusionista do neolítico e da Idade do Bronze...a minha atitude perante isso foi a de que não se podia ligar os extremos do Mediterrâneo e pensar em uma população espalhada por áreas enormes, mas de que, se se começasse a pensar em termos de “encadeamento cultural”, com pequenos movimentos, então havia uma ligação contínua ao longo do Mediterrâneo, e foi isso que eu argumentei na minha tese e, depois na minha lição inaugural em Londres”. Uma perspetiva que influenciaria sucessivas gerações de pesquisadores formados em Londres.

Amavelmente elaborada e cedida pelo Professor Doutor Luiz Oosterbeek